

ELIANE CANTANHÊDE

E-MAIL: ELIANE.CANTANHEDE@ESTADAO.COM
TWITTER: @ECANTANHEDE

Recuo: blefe e fake news

A semana começa com a comissão de juristas da CPI da Covid, liderada pelo ex-ministro da Justiça Miguel Reale Júnior, entregando um parecer implacável sobre os crimes em que o presidente Jair Bolsonaro poderá ser enquadrado por ações, e sobretudo inações, durante a pandemia. O mais grave deve ser o de homicídio comissivo em série – justamente por não agir quando deveria e agir errado quando não deveria.

Os caminhos da CPI e das oposições se cruzam no momento mais tenso do país e do presidente. A comissão entra na reta final e finaliza seu relatório devastador enquanto

uma dúzia de partidos tenta se acertar, atabalhoadamente, com o Vem Pra Rua e o MBL, para uma onda de atos pelo impeachment – que, aliás, terão a presença de integrantes da CPI, como Simone Tebet (MDB) e Alessandro Vieira (Cidadania).

O final de ano terá protestos neste domingo, 12/9, em outubro, pelo aniversário da Constituição, e em novembro, na Proclamação da República. A CPI caminhará lado a lado, com o relatório final, a interação com a Procuradoria-Geral da República (PGR), a Câmara e o Supremo.

É por esse horizonte, mas também pela miséria e o fracasso na economia, que Bolsonaro adota uma estratégia

que parece de paz, mas é de guerra. Com o “Manifesto à Nação”, ele não está realmente recuando e assumindo a moderação e a responsabilidade. É blefe, como a convocação do Conselho da República, e fake news, como fraude nas urnas eletrônicas.

Seria ótimo, se fosse verdade, mas é só estratégia mesmo, porque, como avalia o general Augusto Heleno, chefe do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Bolsonaro tem um “formidável senso político”. O que, aliás, é o que

Estratégia de Bolsonaro parece de paz pelo País, mas é de guerra pela própria sobrevivência

se diz também do ex-presidente Lula. Nos dois casos, o sinônimo é bem mais simples: esperteza.

O fato é que Bolsonaro sentiu a água no pescoço e temeu as ondas: guinada nos meios empresariais, financeiros e do agronegócio, mudança de tom no Congresso, nos partidos e particularmente nas cúpulas da Câmara e Sena-

do, união no Supremo e desgaste na opinião pública, num acirramento geral de ânimos. Além do pé atrás das Forças Armadas.

Esses movimentos conduzem a duas expressões que tiram o sono de um presidente que já não dorme mesmo, acossado por muitos e complexos fantasmas: impeachment e crime de responsabilidade. Um está na mesa do presidente da Câmara, Arthur Lira. Logo, do PP e do Centrão. O outro depende da PGR, onde o chefe Augusto Aras parece em busca de autonomia.

O recuo presidencial deveu-se, ainda, ao estrago na Bolsa e no câmbio com sua ameaça de descumprir ordem da Justiça e os riscos dos caminhoneiros para a economia e a estabilidade. Bolsonaro é o único presidente do planeta Terra capaz de alimentar greve de caminhoneiros (como, aliás, de alardear que ganhou uma eleição fraudada). “Sensacional! Ele criou uma greve de caminhoneiros para derrubar o próprio governo”, ironizou Randolfe Rodrigues, vice-presidente da CPI.

Bolsonaro acreditava que o movimen-

to era contra o ministro Alexandre de Moraes e ele não tinha nada a ver com isso, mas o professor Michel Temer ensinou: “Eu já passei por isso, presidente. Essa greve vai cair diretamente no seu colo”. E, como me contou, lembrou do desabastecimento, do aumento de preços, da queda do PIB e do mau humor da população.

Bolsonaro teve de fazer “meia volta, volver” para apagar os incêndios que ele próprio cria. Daí a nota de moderação, ponte com Alexandre de Moraes e vídeo para os caminhoneiros. Ninguém acreditou na moderação nem na ponte, mas o trágico foi os caminhoneiros não acreditarem no vídeo! Bem, se o presidente é investigado no STF por fake news... Só continuam acreditando em tudo o que se agarram à “genialidade política do mito”, como ovelhas que correm atrás da onça.

* COMENTARISTA DA RÁDIO ELDOorado, DA RÁDIO JORNAL (FE) E DO TELEJORNAL GLOBONews em PAUTA

SEG. Carlos Pereira (iguazuense) | TER. Eliane Cantanhêde | QUA. Rosângela Bittar | QUI. William Waack | SEX. Eliane Cantanhêde | SÁB. João Gabriel de Lima | DOM. Eliane Cantanhêde e J.R. Guzzo

‘Três Poderes têm de ser respeitados’

Jair Bolsonaro evita críticas diretas ao STF, mas diz que rejeição do marco temporal, em análise na Corte, seria o ‘fim do agronegócio’

O presidente Jair Bolsonaro afirmou ontem, em Esteio (RS), que os apoiadores que participaram dos atos do 7 de Setembro foram às ruas contra “retrocessos”, mas ressaltou que os três Poderes “devem ser respeitados”. Foi a primeira viagem do presidente após as manifestações de caráter antidemocrático, na terça-feira, e a nota em que ele recua das críticas feitas ao Supremo Tribunal Federal (STF) e ao ministro Alexandre de Moraes.

Bolsonaro recebeu a Medalha do Mérito Farroupilha durante uma feira do agronegócio. Ele chegou ao evento por volta

das 11h, sem máscara, acompanhado da ministra da Agricultura, Tereza Cristina. Cumprimentou apoiadores e não respondeu a perguntas de jornalistas. “Senti os reais motivos para esse povo ir às ruas. Em primeiro lugar, foi para dizer que não aceita retrocessos. O povo quer respeito à Constituição por parte de todos e, acima de tudo, eles sabem que não podem deixar de lado sempre a defesa e a luta pela nossa liberdade.”

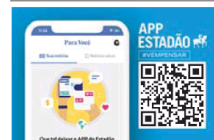
O presidente não disse o que seriam os “retrocessos”, desconsiderando que a agenda golpista dos atos do 7 de Setembro partiu dele próprio. Na quinta-feira, pressionado por ameaças

de impeachment e por uma paralisação de caminhoneiros, Bolsonaro recuou e divulgou uma nota em que até elogiou o ministro Moraes, em um movimento que contou com a participação crucial do ex-presidente Michel Temer.

“Temos três Poderes, têm que ser respeitados, e buscar sempre a melhor maneira de nos entendermos para que o produto do nosso trabalho seja estendido aos seus 210 milhões de habitantes”, disse Bolsonaro, afirmando que o Brasil, aos poucos, “vai mudando”.

Em Esteio, Bolsonaro evitou críticas diretas à Corte, mas voltou a afirmar que uma eventual

decisão do STF contra a tese do marco temporal na demarcação de terras indígenas resultaria no “fim do agronegócio” no Brasil. “Se a proposta do minis-



PARA VOCÊ

Quer ler mais notícias de Política? Crie sua área personalizada no aplicativo. Use o QR Code para baixar.

tro (Edson) Fachin vingar, será proposta a demarcação de novas áreas indígenas que equivalem a uma região Sudeste toda. Ou seja, é o fim do agronegócio, simplesmente isso e nada mais do que isso”, disse Bolsonaro.

Na quinta, Fachin, relator do caso no STF, deu seu voto favorável aos povos indígenas e contra o reconhecimento da constitucionalidade da tese do marco temporal. O julgamento deve ser retomado na próxima terça-feira, quando o STF chegará ao 20º dia de análise, ainda sem definição clara de maioria.

A tese do marco temporal funciona como uma linha de corte ao sugerir que uma terra só pode ser

demarcada se ficar comprovado que os indígenas estavam naquele território na data da promulgação da Constituição, em 5 de outubro de 1988. Caso seja validado pelo STF, o entendimento poderá comprometer mais de 300 processos que aguardam demarcação, conforme dados do Instituto Socioambiental (ISA) com base em publicações feitas no *Diário Oficial da União*. Fachin declarou que a Constituição reconhece como “permanente” o “usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos” preservados pelas comunidades indígenas.

/DANIEL WETERMAN, CÍCERO COTRIM E EDUARDO AMARAL, ESPECIAL PARA O ESTADO

Retrato

O NÚCLEO MAIS CONSERVADOR DO ELEITORADO

Pesquisa aponta tamanho e perfil de grupo classificado como ultraconservador no País

Pedro Venceslau

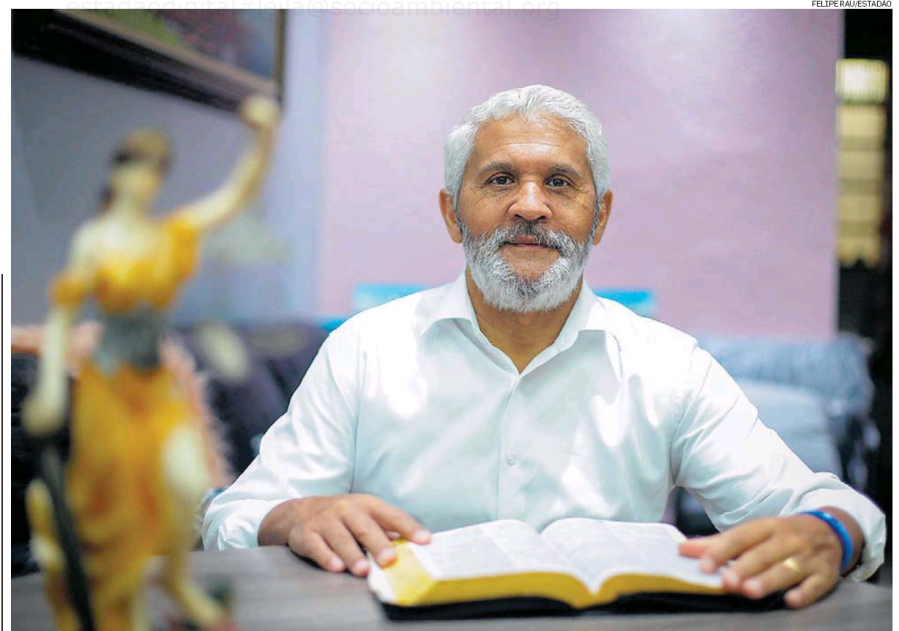
Nas manifestações do 7 de Setembro, o pastor da Assembleia de Deus Geraldo Malta, de 63 anos, vestiu a camiseta da Seleção Brasileira e se uniu a outras 125 mil pessoas (segundo a Polícia Militar) que foram defender o presidente Jair Bolsonaro na Avenida Paulista. A massa vestida de verde e amarelo ocupou 12 quarteirões, pelos quais se dividiram caminhões de som alugados por empresários do agronegócio, monarquistas, intervencionistas, armamentistas, “ativistas reformistas” evangélicos.

Os organizadores do ato vibraram quando Bolsonaro fez uma ameaça direta ao presidente do Supremo, ministro Luiz Fux. “Ou o chefe desse Poder enquadra o seu (ministro) ou esse Poder pode sofrer aquilo que nós não queremos”, disse, referindo-se às recentes decisões de Alexandre

Malta prega que o Estado brasileiro seja cristão, defende o porte de armas “para quem quiser” e diz que a Bíblia tem a receita do que é certo e errado. Segundo especialistas, esses elementos, somados a aversão à esquerda, formam a linha central que une a narrativa bolsonarista.

“Das 125 mil pessoas que, segundo a PM, estavam na Paulista, no mínimo metade não se encaixa no perfil mais radical do bolsonarismo. O grupo que é mais diretamente defensor do presidente tem uma característica ultraconservadora, autoritária e machista”, disse o cientista político José Álvaro Moisés, coordenador do grupo de pesquisas sobre a qualidade da democracia do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP.

Essa avaliação é respaldada por uma pesquisa inédita do Instituto Locomotiva feita por telefone com 2.600 pessoas de 71 cidades do País. Os dados, obtidos com exclusividade pelo Estado, apontam que 4% do eleitorado brasileiro – o que equivale a



Pautas. Apoiador do presidente Bolsonaro, o pastor Geraldo Malta diz que Estado deve ser cristão e defende porte de armas

● **Levantamento**
4%
do eleitorado brasileiro – cerca de 6,5 milhões de pessoas – defendem ideias classificadas como ultraconservadoras,

vem ter protagonismo e o uso de armas deve ser difundido. Esse perfil certamente esteve nas ruas no dia 7 de Setembro”, disse ao Estado o pesquisador Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva e fundador do Datapopular.

“revolução” de 1964 foi “boa”, e 70%, que a Bíblia tem a receita completa do que é certo e errado. No universo ultraconservador, 60% são homens. O cientista político Vitor Marchetti, professor da Universidade Federal do Grande ABC, acha que o grupo é “uma espécie de

Vice-presidente do PTB de São Paulo, o administrador de empresas Flávio Beal, que também foi tucano, mas acabou foi expulso do PSDB em 2018, estava entre os organizadores da manifestação na Avenida Paulista. O ativista se des-

morais contra poisonaristas. A fala, porém, não entusiasmou a todos os presentes. “Sou bolsonarista, mas acho que, às vezes, ele fala besteira no calor do momento. Sou contra a intervenção militar”, disse Geraldo Malta. O pastor começou a atuar na política em 1975, no PCdoB, e depois foi um dos fundadores do PSDB, partido no qual permaneceu até março de 2019. Hoje está no Podemos. “Me considero um conservador de centro, com uma queda para a direita”, afirmou o religioso.	6,5 milhões de pessoas – aerodem ideias classificadas como ultraconservadoras. Para chegar a essa conclusão, o levantamento selecionou um núcleo de entrevistados que respondeu afirmativamente a três questões: 1) o Estado brasileiro não deve ser laico, mas cristão; 2) mais pessoas devem ter acesso ao porte de armas; 3) as mulheres são melhores para fazer atividades domésticas. Dentro do universo total de entrevistados, 24% concordaram com a primeira afirmação estimulada, 28% com a segunda, 17% com a	segundo pesquisa do Instituto Locomotiva, com 2.600 pessoas de 71 cidades do País. terceira e 4% com as três. Esse último grupo, então, respondeu a outro questionário com temas como cotas raciais, casamento gay e urnas eletrônicas. “Esse grupo representa o centro do negacionismo conservador. Existem 6,5 milhões de brasileiros que defendem as principais posições dos taleban no Afeganistão: o Estado não deve ser laico, as mulheres não de-	Ainda dentro do recorte dos ultraconservadores, 63% dos entrevistados opinaram que cotas para negros prejudicam a sociedade, 70% disseram que pessoas do mesmo sexo não podem se casar e 54% pregaram que a polícia tem de ser violenta para combater o crime. A polêmica do voto impresso também entrou no questionário: 63% desconfiam das urnas eletrônicas. “Existe um componente messiânico nessa parcela do eleitorado”, afirmou Meirelles. Em outro ponto, 43% dos ultraconservadores disseram que a	o paralelo com o talibã exagerado, mas pondera que a pesquisa mede o pensamento radical. Questionado sobre o peso desse núcleo na cena política atual, e consequentemente nos atos do 7 de Setembro, Marchetti destaca que Bolsonaro reverbera essas posições, mas elas sempre estiveram presentes, mesmo nos tempos que o governo era de esquerda: “Os conservadores precisaram se estruturar politicamente nos últimos anos para defender suas posições porque as pautas progressistas foram ganhando mais adeptos”.	se “decepcionado” com o recuo de Bolsonaro, que chegou a elogiar Moraes. “Parte da base é descrente e vê o discurso como verborragia e sem efeito prático”, afirmou Beal. Segundo ele, o núcleo ultraconservador não é grande: “Dentro do universo bolsonarista, eles representam 5%. Não tinha na Paulista um caminhão de som machista dizendo que lugar de mulher é na cozinha. Defendemos os valores patrióticos: Deus, pátria, família e liberdade”.
--	--	---	--	---	---